



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

CLORISMAR PEREIRA SILVA SOUSA

**O ARTESANATO NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO
ASSENTAMENTO CURITIBA-MA**

TOCANTINÓPOLIS -TO

2017

CLORISMAR PEREIRA SILVA SOUSA

**O ARTESANATO NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO
ASSENTAMENTO CURITIBA-MA**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Educação do Campo com habilidade em Artes e Música, sob orientação da Professora Cássia Ferreira Miranda.

TOCANTINÓPOLIS - TO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S725a SOUSA, CLORISMAR PEREIRA SILVA .
O ARTESANATO NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO
ASSENTAMENTO CURITIBA-MA. / CLORISMAR PEREIRA SILVA
SOUSA. – Tocantinópolis, TO, 2018.
45 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2018.
Orientador: Cássia Ferreira Miranda

1. Educação no Campo. 2. Artesanato . 3. Fonte de Renda . 4. Mulheres
Camponesas . I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CLORISMAR PEREIRA SILVA SOUSA

O ARTESANATO NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO ASSENTAMENTO
CURITIBA-MA

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, curso de Licenciatura em Educação do Campo para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo: Códigos e Linguagens - Artes e Música, e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação ____/____/____

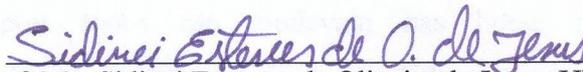
Banca Examinadora:



Prof. Ma. Cássia Ferreira Miranda. Orientadora, UFT



Prof. Me. Gustavo Cunha de Araujo. Examinador, UFT



Prof. Me. Sidinei Esteves de Oliveira de Jesus. UFT

Representando

Prof. Ma. Mara Pereira da Silva. Examinadora, UFT

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, pois ele é tudo na minha vida!

Ao meu esposo, à minha mãe e às minhas duas filhas.

Aos meus amigos e colegas que convivi durante esses quatro anos de caminhada: Antônio Pereira, Carmem Celia, Erlane Rodrigues, Gilmar Ferreira e Rosana.

Dedico todo o meu trabalho a essas pessoas, porque eles merecem, pois todos me ajudavam nas horas difíceis dos trabalhos. Principalmente à Erlane e o Gilmar, que em momento algum me abandonaram.

Agora todos eles fazem parte de minha vida e de minha história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido chegar até o fim deste curso com vida e saúde, me dando força, coragem e determinação para enfrentar todos os obstáculos que encontrei durante essa caminhada.

Há meu esposo, José Alberto Rodrigue de Souza, por ser uma pessoa maravilhosa e compreensível em minha vida, por ter me entendido e apoiado, por saber segurar a minha mão nos momentos difíceis. Durante essa caminhada, por muitas vezes pensei em desistir, mas ele nunca deixou que eu desistisse, sempre me incentivou a continuar, a enfrentar os obstáculos, e vencer. Obrigada pela compreensão, incentivo, apoio e força que de você tenho recebido, talvez sem você na minha vida eu não teria chegado até aqui onde cheguei.

Agradeço também minha mãe e minhas duas filhas, Simone e Regina, pelo apoio, e pela força que tenho recebido, principalmente minha filha Simone que sempre me incentivou a estudar, e que durante esse curso estava sempre ao meu lado, me incentivando, me dando força e me sempre me pedindo para não desistir, me ajudava com meus trabalhos e sempre orou por mim: obrigada filha!

Agradeço também a todos os meus professores, que tanto me ensinaram e contribuíram com o meu aprendizado, em especial a minha professora orientadora, Cássia Miranda, pela dedicação e paciência de suportar tantas angústias minhas em alguns momentos e nas horas difíceis da construção deste trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

É inegável que a arte exista desde o início dos tempos. Este trabalho reforça a legitimidade da arte como forma de expressão válida de cultura de um povo, que demonstra suas riquezas e que também pode ser utilizada como fonte de renda de determinadas comunidades, ajudando no desenvolvimento econômico local, na melhoria da qualidade de vida de um povo e divulgação de sua cultura. O grande problema de muitos locais é a falta de incentivo aos trabalhos informais, principalmente os que estão relacionados ao artesanato, por ter-se um pré-conceito de que não são valiosos. Desse modo, buscou-se conhecer, através da metodologia qualitativa, com questionários abertos, as rotinas e trabalhos de artesanato de artesãs do Assentamento Curitiba, localizado em Amarante-MA, como se dá o processo de produção e venda das peças e o incentivo oferecido para o desenvolvimento dessa atividade. O que foi observado e relatado, é que as peças são confeccionadas por cada artesã separadamente, em suas casas mesmo e posteriormente vendidos de modo informal, de porta em porta. A venda não é tão grande, até mesmo porque a capacidade de produção individual não seria suficiente, no entanto, com um poder de crescimento a ser explorado. Ficou constatado que as artesãs têm o desejo de expandir, porém não sabem como o fazer e não recebem o devido incentivo das autoridades locais.

Palavras-chaves: Artesanato. Fonte de renda. Comércio informal. Educação do Campo.

ABSTRACT

It is undeniable that art has existed since the beginning of time, there is evidence and more evidence about it. This work strikes the key to the legitimacy of art as a valid form of expression of a people's culture, which demonstrates its richness and which can also be exploited as a source of income for certain communities, helping local economic development, improving the quality of life of a people and outreach. The big problem of many localities is the lack of incentive to informal work, especially those that are related to handicrafts, by having a preconception that they are not valuable. In this way, we tried to analyze with the knowledge of the routines and handicrafts of artisans of the Curitiba Settlement, located in Amarante-MA, how the process of production and sale of the pieces occurs and the incentive offered for the development of this activity. What has been observed and reported is that the pieces are made by each artisan separately, in their houses and later sold informally, door to door. The sale is not so great, even because the individual production capacity would not suffice, however, with a growth power to be explored. It was found that the artisans have the desire to expand, but they do not know how to do it and do not receive the proper incentive of the local authorities.

Keywords: Crafts. Source of income. Informal trade. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Tarrafá da Artesã.....	28
Figura 02 – Artesanatos Diversos da Artesã.....	29
Figura 03 - Artesanatos Diversos da Artesã.....	29
Figura 04 - Artesanatos da Artesã.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CUT	Central Única dos Trabalhadores
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MDIC	Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
PAB	Programa de Artesanato Brasileiro
PA	Projeto de Assentamento
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 AS MULHERES E O TRABALHO.....	15
2.1 Mulheres do Campo.....	17
3 PRÁTICAS ARTESANAIS.....	20
3.1 O Artesanato na Vida da Mulher Camponesa.....	22
3.2 O Artesanato como Fonte de Renda.....	24
4 TRAJETOS ENTRE LINHAS CAMPONESAS.....	26
4.1 As Artesãs do P.A. Curitiba.....	27
4.1.1 As faces da pobreza.....	31
4.1.2 As potencialidades do trabalho artesanal.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Este estudo gira em torno do artesanato com a análise do fazer artístico e das influências do artesanato na vida das mulheres artesãs do Assentamento (P.A.) Curitiba, que se localiza ao sul do município de Amarante no Estado do Maranhão em um setor conhecido como Batalha. O objetivo é compreender as principais características desse fazer artístico e a sua importância no dia a dia. Trata-se de um trabalho de conclusão do curso de Graduação em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis.

Este assentamento foi uma conquista do MST, em 18 de novembro de 1998, juntamente com as famílias que necessitavam de um pedaço de terra para as suas sobrevivências. Na época contava com o total de 53 famílias, que, após anos de peregrinação e despejos pelas rodovias do maranhão, ocuparam a fazenda Curitiba. Hoje a área é um assentamento que permaneceu com o mesmo nome Curitiba, no qual as famílias estão assentadas pelo Programa de Reforma Agrária do Governo Federal.

O assentamento hoje possui no total de 78 famílias, sendo 53 assentadas e 25 encostadas¹. É pequeno, tem apenas 4 ruas, sendo a principal a que se situa a Escola Municipal de Ensino Fundamental Hilda Sá. Sua população é de aproximadamente 200 pessoas, entre adultos e crianças. A economia é baseada no cultivo de roças. Há plantação de arroz, milho, feijão, mandioca e, ainda, criação de animais, atividade dominada pelos homens.

O trabalho levantou algumas questões em torno do que é o artesanato, quem são as artesãs da comunidade, como funciona o comércio do artesanato, o que é o trabalho informal, como o artesanato pode ser trabalhado como fonte de renda, qual o papel da mulher na renda familiar camponesa, como o artesanato no P.A Curitiba é desenvolvida e comercializada e qual o sentimento das artesãs em relação ao seu trabalho.

Além disso, busquei destacar a potência do artesanato como fonte de renda da mulher camponesa, pensando em estratégias que poderia auxiliar na comercialização do mesmo, melhorando a qualidade de vida das famílias das artesãs.

Em termos gerais, o trabalho se alicerça no conceito de artesanato de Lemos (2011), que afirma que este é o produto gerado a partir, em sua grande maioria, da habilidade do

¹ O termo “encostadas” é usado para indicar as famílias que moram no assentamento, mas que não possuem terras e dependem dos assentados para fazer uma casa colocar uma roça para trabalhar e sustentar suas famílias. Elas não tem direito e a nenhum projeto que vem do governo.

trabalhador, seja inteiramente manual ou com o auxílio de determinado instrumento. Observe que o autor não define quem será o artesão, deixa livre a ideia de que qualquer pessoa que desenvolva a atividade artesanal será um artesão, sendo, portanto, o trabalho artesanal da mulher camponesa incluso nessa interpretação.

As hipóteses levantadas é de que no Assentamento Curitiba, o trabalho de artesanato é realizado pelas mulheres camponesas de modo informal e desestruturado, ou seja, em suas casas e individualmente, e de que essa atividade pode ser explorada como fonte de renda para as famílias artesãs, uma vez que as famílias sobrevivem em sua maioria da agricultura familiar.

Portanto, de modo geral, o objetivo é compreender a importância do artesanato na vida das mulheres camponesas do P.A. Curitiba - MA. A intenção é entender o significado do artesanato na vida das mulheres do Assentamento Curitiba, e qual a sua importância na vida dessas, visando compreender a utilização de técnicas artesanais, focando a tapeçaria, o bordado e o crochê. Procuro identificar a relevância e a finalidade da confecção do artesanato, e analisar a importância do mesmo para o desenvolvimento econômico da comunidade. Além disso, saber como é o processo de construção das peças e quais as perspectivas delas sobre o seu trabalho e como isso pode influenciar na economia local.

A escolha em pesquisar sobre o artesanato com mulheres nesse Assentamento se dá pelo fato de que, além de moradora do P.A. Curitiba, gosto muito de artesanato e também sou uma artesã da comunidade. Percebo que as mulheres são um dos grupos que mais sofrem preconceito e discriminação na sociedade, fato que pode ser confirmado pelos estudos de gênero. Seus trabalhos, muitas vezes, não são devidamente reconhecidos. Creio que essa pesquisa servirá para divulgar a voz das mulheres camponesas do assentamento Curitiba, fomentando o compartilhamento de suas experiências de vida, seus fazeres em arte e a cultura camponesa.

Esta pesquisa tem como metodologia a análise qualitativa com utilização de entrevistas temáticas, com questionários abertos. Realizei e analisei entrevistas de três artesãs da comunidade que, a meu ver, mais se dedicam ao artesanato, demonstrando muito amor pelo que fazem. A pesquisa contará também com o levantamento bibliográfico de textos que falam sobre mulheres, relações de gênero no campo, artesanato, entre outros assuntos que permeiam o campo conceitual aqui abordado.

Observei que a comunidade possui um artesanato acentuado que contribui para o enriquecimento cultural local. Assim, esta observação chega a algumas respostas sobre esse

ato no assentamento. Este trabalho foi dividido em três capítulos, afim de esclarecer tais respostas.

O primeiro capítulo, *As mulheres e o trabalho*, dediquei para falar sobre como o trabalho das mulheres ao longo das sociedades foi desvalorizado, sendo que ela sempre foi vista como a dona de casa, aquela que deveria cuidar dos filhos e do marido, enquanto ao homem cabia a tarefa de prover do lar e o inverso não seria admitido e caso ocorresse, a mulher deveria acumular as funções, mas jamais poderia ser a fonte de renda principal da casa.

No segundo capítulo, *Práticas artesanais*, abordo o artesanato e a mulher camponesa na renda familiar e as possibilidades de relação deste, ou seja, o artesanato como ofício. Para as mulheres camponesas as possibilidades de trabalho formal, as vezes, não são uma realidade e o trabalho braçal é pesado, cansativo e desgastante. Embora algumas não tenham a possibilidade de escolher fugir dele, nesse cenário o artesanato surge como um meio termo, o que não significa que não seja importante, pelo contrário, é primordial como fonte de renda a essas mulheres.

Por fim, no terceiro e último capítulo, *Trajetos entre linhas camponesas*, faço uma exposição o olhar das mulheres camponesas artesãs entrevistadas, a observação e a análise de todos os dados coletados, para comprovar com a fala delas que sua produção é rica em cultura, valor monetário, história, arte e possibilidades.

Assim, esse trabalho reforça a prática discursiva das mulheres camponesas e destaca a importância da arte em suas vidas - tanto para sua autonomia financeira, custeando os gastos do lar; quanto para seu empoderamento. Esses tipos de registros são essenciais para “batalha das ideias” que a Educação do Campo trava todos os dias. Somente quando as mulheres e os homens tiverem o mesmo espaço de ação e de direito, teremos uma Educação do Campo formal, informal e não formal autêntica em sua teoria e, principalmente, em sua prática.

2 AS MULHERES E O TRABALHO

Esta pesquisa pretende lançar o olhar para as narrativas de mulheres, suas vivências artesanais e os modos como realizam essa atividade. Ainda hoje elas precisam travar lutas por igualdade de salários, de acesso, de oportunidades e principalmente de respeito. Excluídas do mercado de trabalho por muito tempo, a participação feminina estava restrita ao privado, isto é, seu espaço de trabalho era a sua casa, o cuidado do lar, dos filhos e do marido. São anos de luta, embora com muitas batalhas vencidas e direitos adquiridos (reconhecidos), avançamos a passos lentos, pois o acesso não significa igualdade.

A exemplo da desvalorização, temos o trabalho em casa, que não era visto como tal, sequer era valorizado, sendo considerado apenas como obrigação da mulher. Nesse sentido, ligação estreita entre trabalho e capital mostra suas contradições. Conforme Marx (1985) pontua, o trabalho é o fruto da interação entre o homem e a natureza para realizar as suas necessidades. Considerando essa afirmação, toda atividade que vise a realização de uma necessidade é trabalho, portanto as tarefas de casa como o lavar, cozinhar e passar são também trabalho, mesmo quando não remunerado, ou seja, realizado pelo dono da casa.

O que ocorreu, segundo Marx (1985), foi uma banalização do trabalho, com a materialização da atividade humana, que visa sempre gerar valor, decorrente do capitalismo. Isso fica mais claro com a Revolução Industrial, por evidenciar o trabalho em cadeia, mas se pararmos para pensar, a escravidão é um passo importante nessa inversão de trabalho como geração de valor material, de lá já se observa que os escravos eram obrigados a gerar lucros aos seus patrões, atrelando-se então o valor ao trabalho.

Por um longo tempo, a mentalidade machista impunha às mulheres que vivessem submissa aos homens, fazendo-as acreditar que o seu espaço de ação era apenas o espaço doméstico e que impor-se era rebeldia. Silva (2015, p.250) pontua que é possível:

Afirmar que as mulheres sempre trabalharam, embora seu trabalho tenha sido desvalorizado pelo capitalismo, que passa a valorizar as atividades que geram mais-valia e que são executadas em espaços públicos, menosprezando-se o espaço doméstico. Por isso nos aproximamos do conceito de divisão sexual do trabalho que dá conta das atividades exercidas historicamente por mulheres e, além disso, reconhece que a divisão social do trabalho é marcada pelas diferenças de gênero.

Essa ideia de Silva (2015) vai ao encontro com a de Marx (1985). Se há/houve a divisão de tarefas de acordo com o gênero, é necessário pontuar que essa divisão se dá por uma interpretação cultural. Determinada sociedade cria para si um conjunto de regras, entre elas está a designação de quais os trabalhos devem ser executados por mulheres e quais

devem ser executados por homens. Isso não significa verdade absoluta, é uma questão cultural.

No entanto, em se tratando de um fator cultural e sendo a cultura algo em transição, há mudanças que acontecem ao longo da história que podem promover rupturas na forma de ver os papéis sociais atribuídos. Isso é determinado pelos elementos atuais de cada sociedade, sendo que alguma coisa somente valerá como uma norma, um padrão, se a maioria das pessoas daquela sociedade crer nela. Com relação ao conceito de cultura, Boal destaca que:

É a soma ativa de todas as coisas produzidas por qualquer grupo humano em um mesmo tempo e lugar, em sua relação com a natureza e com outros grupos sociais. Não são só as *coisas*, em si mesmas, que são cultura, mas também o conjunto das condições sociais nas quais essas coisas se produzem e são usadas, nos objetivos e formas de produzi-las. Hábitos, costumes, rituais e tradições; crenças e esperanças; técnicas, modos e processos; sobretudo valores da ética, como proposta, e da moral vigente – tudo isto forma a cultura, que, em cada momento histórico, revela o estado das forças sociais em conflito – ou, dele, boa parte. As verdades de cada cultura são as afirmações de cada segmento e momento da sua evolução, com todas as contradições que possa ter (BOAL, 2009, p.32-33).

Um exemplo de como a cultura está atrelada ao contexto social de determinada época, cito as segregações, pois historicamente sabemos que em dado momento da história os bebês deficientes eram “escondidos” por acreditar-se que a criança nascia deficiente como forma de Deus castigar os pais por seus pecados e não querendo esses admitir perante a sociedade que eram pecadores, escondiam os filhos. Hoje sabemos que as deficiências são fruto de má formação genética. Há trabalhos voltados exclusivamente para o estímulo as pessoas com deficiência.

Inserida nesses aspectos culturais, as relações de gênero influenciam muito como os indivíduos se relacionam e as relações de poder que se estabelecem em determinada sociedade. Com relação ao trabalho feminino, Michele Perrot (2007) ressalta que houve dois momentos que podem ter sido marcos da integração da mulher no trabalho fora de casa: a Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial. Na Revolução Industrial, as mulheres foram trabalhar em algumas fábricas, principalmente do setor têxtil. Elas, assim como muitas crianças, trabalhavam em jornadas extremas, em lugares insalubres, por 12 horas consecutivas ou até mais. Já na Primeira Guerra, com o envio dos homens como soldados, foi necessário que elas assumissem o trabalho de seus maridos, para que continuassem a manter o sustento da família. Há registros de mulheres trabalhando inclusive em fábricas de peças de produção de armamento.

Se por muito tempo a mulher não tinha valor no mercado de trabalho, era vista como incapaz de contribuir e gerar renda, após esses momentos, ela começou a ser vista como uma

alternativa a escassez de mão de obra e a um barateamento da força de trabalho, visto que, considerada mais fraca que o homem, a mulher deveria receber menos pelo mesmo trabalho. Sendo assim, embora reconhecida como força de trabalho, a mulher era tida como alternativa mais barata, embora realizassem exatamente as mesmas atividades que os homens.

Nossa sociedade muitas vezes ainda prega que a mulher só serve para cuidar da casa e dos filhos, por acharem que as mesmas não são capazes de gerarem renda no mercado de trabalho. É claro que desde com as lutas dos movimentos feministas muito já mudou, muitos direitos foram conquistados, ou melhor, reconhecidos. No entanto, boa parte do que foi conquistado é mera fachada. Basta apenas observar as empresas, não são raras as vezes em que a mulher ganha menos do que o homem para realizar o mesmo trabalho que ele, no entanto, por estar lá, aparenta o cumprimento da obrigação de acesso das mulheres a determinado cargo, ou nas vezes em que se deixa de contratar uma mulher pelo seu direito reconhecido de afastamento legal pós-parto.

2.1 As Mulheres do Campo

Por muito tempo as mulheres foram deixadas à margem dos registros documentais. A atual visibilidade aparente das mulheres em documentos e as conquistas sociais obtidas não possibilitam adequadamente a reflexão da origem da invisibilidade feminina nas relações de gênero no campo. As relações da família camponesa permanecem permeadas de relações de poder opressoras e invisibilidades forçadas (TEDESCHI, 2007, p. 187). Trazer para o debate essas relações, o espaço renegado às mulheres camponesas por seus maridos, filhos, pais, irmãos, é fundamental na disputa entre as “verdades” históricas. É fundamental reforçar o discurso que dá voz e vez as camponesas para marcar seu espaço enquanto agentes sociais, com direitos iguais aos dos homens. Destaco que não é a intenção desse trabalho sobrepujar as mulheres e sim reconhecer a sua igualdade ao homem.

O discurso é compreendido e determinado por uma regularidade que permite que algo apareça como verdadeiro, buscando compreendê-lo pela análise do saber “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 1986, p. 205). Ora, somos então convencidos pelos discursos histórico-culturais que nos são impostos.

Muitos creem que as mulheres estão querendo direitos demais e que isso afeta a sociedade, gera problemas. Essa discriminação é cultural, foi algo imposto a elas desde os primórdios, o que não significa que seja de fato correto, conforme discutido até então. É sim

preciso lutar por igualdade de direitos. A opressão vivida pelas mulheres criou uma cultura de silenciamento de suas vivências e desvalorização de seus saberes. De acordo com Ecléa Bosi (1995) quando a pessoa é afastada de suas raízes, ela, com o passar do tempo, vai perdendo sua cultura, sua própria identidade.

Hoje com o avanço da tecnologia tudo passou a ser modificado, até mesmo os costumes das mulheres artesãs foram modificados, pois antigamente as artesãs teciam até redes, ponto a ponto era feito à mão. Todo aquele trabalho produzido por elas era feito com prazer e, o mais importante, era motivo de orgulho, pois eram muito reconhecidas e também era uma forma de valorização de sua cultura, de seus saberes. Hoje os trabalhos das artesãs foram praticamente substituídos pelas máquinas, só que com muitas diferenças, não tão visíveis nas peças, mas sim nos sentimentos que envolve as suas criações. As máquinas não se orgulham do trabalho que fazem e nem se importam se as peças saíram bem-feitas ou não, se estão bonitas ou feias, pois elas não têm sentimento. A cultura artesanal precisa ser resgatada e valorizada.

Segundo Kolling, Cerioli e Caldart (2002, p.11), “no campo estão milhões de brasileiras e brasileiro, da infância até a terceira idade, que vivem e trabalham no campo como: pequenos agricultores, quilombolas, povo indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roseiros, sem terras, agregados, caboclos, meeiros, boia-fria, entre outros. ”

Todos estes camponeses citados acima, sobrevivem do e no campo, e é de lá que eles tiram seu próprio sustento e o sustento de sua família. A natureza oferece tudo que eles precisam, desde o alimento, o remédio oferecido pelas ervas naturais, até o artesanato que é retirado da matéria prima oferecida pela a natureza.

Kolling, Cerioli e Caldart (2002, p. 11) destacam que:

Os povos do campo têm uma raiz cultural própria, um jeito de viver e de trabalhar, distinta do mundo urbano, e que inclui diferentes maneiras de ver e de se relacionar com o tempo e o espaço, o meio ambiente, bem como de viver e de organizar a família, a comunidade, o trabalho e a educação. Nos processos que produzem sua existência vão também se produzindo como seres humanos.

Com relação a situação da mulher, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (2001, p.146-147) pontua que:

Na luta de classe e gênero a mulher encontra-se numa situação de desigualdade, realizando uma dupla ou tripla jornada de trabalho. No MST isso não é diferente, a mulher se dedica ao trabalho na produção e militância e ainda assume a maior parte ou todo o trabalho doméstico. E na maioria das vezes não recebe nada pelo seu trabalho e não participa das decisões políticas e econômicas. [...]. Sustentando e gravando toda essa situação da mulher, existe, de forma generalizada na sociedade, um grande machismo, uma concepção de que ela de fato é um ser inferior,

incapacitado para as principais atividades sócios-econômicas, que é mais frágil e menos racional do que os homens. Esse preconceito se materializa nas mais diferentes formas de discriminação da mulher.

É notório a autonomia do povo camponês, esforçando-os para sobreviverem unicamente de seu labor no campo. Outro ponto importante de urge é o papel da mulher no campo, não abdicando de suas atividades doméstica, mas agregando mais atividades ao seu dia a dia, tomando ainda mais desigual suas atividades em relação ao do homem, o que as tornas ainda mais fortes, embora os preconceitos ainda sejam presentes.

3 PRÁTICAS ARTESANAIS

É preciso entender o trabalho como algo complexo, há diversos modos de trabalho surgidos como formas de se adequar as novas realidades de produção e as necessidades humanas. Penso que nesta pesquisa é importante distinguir o que é o trabalho formal e o informal. O trabalho formal é a forma sistematizada, ou seja, com vínculos empregatícios. Porém, está cada vez mais difícil de os estabelecer, em especial cidades pequenas, pouco desenvolvidas e com polos econômicos limitados. Além disso, os recentes debates em todo das leis trabalhistas estão diluindo cada vez mais essas diferenças.

De acordo com a CUT (2001), o trabalho informal é aquele em que não existe a formalidade, o que pode ir desde um trabalhador autônomo, uma empresa familiar, trabalhadores assalariados sem carteira assinada, vendedores ambulantes, até a catadores de papel. Conforme pontuam Jakobse et al. (2001, p. 9)

Os trabalhadores informais têm um lugar na cadeia produtiva, seja atuando no escoamento de produtos de todo tipo, realizado pelos vendedores ambulantes e de ponto fixo, seja na apropriação e na reciclagem dos restos advindos da produção, por meio de catadores de papel, papelão, metais, lixo, ou ainda na prestação de serviços diversos para o público ou para empresas.

Logo, não apenas o trabalho formal é gerador de capital, isso ocorre pela realização do ofício em si, seja de maneira formal ou informal.

O trabalho artesanal, em sua maioria, faz parte do mercado informal. As atividades artesanais, são aquelas desenvolvidas por artesãos. Nessas atividades estão inclusas as atividades econômicas (trabalho e geração de renda) e fatores culturais, seja na forma de conteúdo do patrimônio material (produtos, utensílios e demais objetos), quanto imaterial (significados e conhecimentos). O artesanato como parte da cultura material, é “movido pela arte do saber e do fazer, influenciado pelo ambiente, pela cultura e pelas tradições locais” (POUSADA, 2005, p. 39). O conhecimento do povo que irá desenvolver o artesanato é fundamental e geralmente transmitido de forma oral, na troca de informações e aprendizados.

Aqui o conceito de atividades artesanais adotado é a definição de Lemos (2011, p. 14):

Aquelas em que as feições características do produto final dependem, em grande parte, da habilidade do trabalhador. O trabalho pode ser inteiramente manual ou contar com o auxílio de determinados instrumentos. O artesão enquanto indivíduo é aquele que exerce um ofício, produz bens materiais para a comercialização sem que haja repetidores industriais, ou ainda é o indivíduo que exerce, por conta própria, uma arte, ou ofício manual.

O artesanato é uma atividade humana que depende muito do artista e de sua inteligência, capacidade e disponibilidade, para construir ou transformar algo em artesanato, que é produzido manualmente, geralmente a partir daquilo que a natureza oferece. De acordo com Ferreira e Souza (2008, p. 04) o artesanato é “uma atividade que depende da destreza manual de quem o produz, assumindo as funções cultural, econômica e social”.

A presença de atividades artesanais pode ser notada em todas as culturas. Basta pegar uma peça artesanal confeccionada na região Norte do Brasil e comparar com outra da região Sudeste, por exemplo, para certamente observar as peculiaridades da cultura de cada região. As influências históricas e culturais de cada povo farão com que cada peça seja diferente, visto que variam de acordo com a identidade de cada povo. Além disso, a subjetividade dos sujeitos também pode ser destacada como um fator de diferenciação entre as obras. Cada artesão, mesmo que trabalhando com um estilo já determinado, traz marcas de suas vivências que fazem com que suas peças sejam diferentes das peças produzidas por outras pessoas. Por ser pessoal e único, o artesanato vai na contramão dos produtos industrializados e do capital no sentido da obtenção do lucro desenfreado.

Hoje muitos dos trabalhos feitos anteriormente por artesãos são feitos pelas máquinas, só que com muitas diferenças, não tão visíveis nas peças, mas sim nos sentimentos que envolve as suas criações. As máquinas não se orgulham do trabalho que fazem e nem se importam se as peças saíram bem-feitas ou não, se estão bonitas ou feias, pois elas não têm sentimento. A cultura artesanal precisa ser resgatada e valorizada.

Com o avanço da tecnologia tudo passou a ser modificado, até mesmo os costumes das mulheres artesãs foram modificados, pois antigamente as artesãs teciam até redes, ponto a ponto era feito à mão. Hoje, alguns modos de produção foram alterados. Todo aquele trabalho produzido por elas era feito com prazer e, o mais importante, era motivo de orgulho, pois eram muito reconhecidas e também era uma forma de valorização de sua cultura, de seus saberes. Com o passar do tempo, o trabalho artesanal foi sendo desvalorizado e passou a pertencer a um nicho de produção específica, voltada a um público restrito, já que o grande público procura os objetos industrializados.

A arte, principalmente a brasileira, é belíssima, mas infelizmente penso que não é tão valorizada quanto deveria. Somos criados pensando que o apreço a arte faz parte de um mundo elitizado, que somente é arte os quadros expostos em galerias ou em apresentações em espaços formais. Tenho um vizinho que faz repentes, uma tia que borda, a avó que era fiandeira, porém isso não nos parece tão nobre quanto, digo, não nos foi incentivado acreditar que também são manifestações artísticas. Segundo Maria Fux (1996) a arte é a manifestação

do corpo e da alma. Sendo assim, qualquer manifestação que expresse valor, sentimento, identidade, cultura, será sim um tipo arte.

O artesanato, sendo parte da identidade de um povo, representando as suas possibilidades e crenças, faz parte das manifestações artísticas. Conforme coloca Adriana Miranda (2011, p.10), “o artesanato está presente no cotidiano do homem desde os povos mais primitivos. Adveio das necessidades do indivíduo de se alimentar, de se proteger e de se expressar. Foi sem dúvida um processo empírico de desenvolvimento”. Silva (2015, p. 249), também se manifesta a respeito: “desde a pré-história, quando os seres humanos criaram seus primeiros instrumentos de pedra, passando por todas as sociedades da antiguidade e pela Idade Média até o século XVIII, a produção artesanal dominava o mundo produtivo”. Assim, desde o início da humanidade, o homem já produzia o artesanato para a sua sobrevivência. O fato de ser um processo empírico talvez o torne ainda mais belo e único. Surgiu do cotidiano, naturalmente ao passo que as pessoas sentiram necessidade de criar um recipiente, por exemplo, ou de quando sentiram a necessidade de enfeitar suas casas ou seu corpo para um ritual, entre tantas outras possíveis motivações.

3.1 O Artesanato na Vida da Mulher Camponesa

O artesanato já teve uma maior importância na vida das mulheres camponesas, que o utilizavam para criar uma fonte de renda para, junto com os companheiros, garantir o sustento de suas famílias. Hoje existe todo um aparato tecnológico para produzir materiais que antes eram exclusivamente artesanais. Esses materiais são produzidos em grande escala e incentivados pela mídia, visando o lucro apenas. Esses fatores são os principais motivos do fato de as mulheres artesãs estarem a cada dia mais deixando de produzir artesanato e comprando produtos que antes podiam vir desse fazer artesanal.

No entanto, aquelas que ainda praticam esse trabalho artesanal são quase que incansáveis. Ao chegar da lida da roça, ao invés de ir descansar, vão produzir seus trabalhos artesanais, pois é com ele que muitas vezes elas compram o material escolar das crianças, os remédios, as roupas e os calçados, entre outras necessidades.

Silva (2015 p. 151) relata que,

É dessa forma que percebemos a produção artesanal exercida pelas mulheres que participam da investigação que acompanhamos: trata-se da realização de trabalho que foram (e ainda são!) historicamente apartados dos espaços públicos e desconsiderados pela lógica do capital. Pensamos que o artesanato passe por uma dupla exclusão pois, por um lado, constitui-se em uma atividade que não se adequou à produção industrial em massa, (alicerce do capitalismo industrial) por sua

característica de trabalho manual e criativo e, por outro lado, foi historicamente relegado quase que exclusivamente as mulheres e usado como forma de mantê-las atreladas ao espaço doméstico.

É necessário deixar bem claro que o artesanato não é exclusividade da mulher, pode ser praticada por ambos os gêneros, importando unicamente o desejo de criar.

O foco aqui é a mulher e como ela pode contribuir para a melhoria da vida de sua família morando no campo, onde as possibilidades de renda são voltadas ao trabalho informal. Assim, é preciso conceituar quem é a mulher camponesa. Nesse sentido, Salvar e Wolff (2013, p. 84) afirmam que ela:

É aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento e garante a subsistência da família. É a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, sem terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas.

Observe que nas palavras acima, a mulher camponesa auxilia na renda da família, “de uma maneira ou de outra”, fica subentendido que isso depende das suas possibilidades, conhecimento e também de incentivo. Nessa hora os relatos orais se fazem peças-chave, pois muitas das atividades artesanais são repassadas de geração à geração, no qual os membros de uma mesma família vão ensinando uns aos outros, caracterizando uma forma de educação informal.

As trajetórias e vivências em arte das mulheres são parte importante para compreensão do contexto histórico e cultural no qual estão inseridas. A atual visibilidade aparente das mulheres em documentos e as algumas conquistas sociais não possibilitam adequadamente a reflexão da origem da invisibilidade feminina nas relações de gênero no campo. As relações da família camponesa permanecem permeadas de relações de poder opressoras e invisibilidades forçadas (TEDESCHI, 2007). Trazer para o debate essas relações, o espaço relegado as mulheres camponesas por seus maridos, filhos, pais, irmãos, é urgente na disputa entre as “verdades” históricas. É fundamental reforçar o discurso que viabiliza a voz e a vez das camponesas para reforçar seu espaço enquanto agentes sociais, com direitos iguais aos homens.

O discurso é compreendido como determinado por uma regularidade que permite que algo apareça como verdadeiro. Logo, reforçar a prática discursiva das mulheres camponesas e destacar a importância da arte em suas vidas é muito valioso. Somente quando as mulheres e os homens tiverem o mesmo espaço de ação e de direito, teremos uma Educação do Campo formal, informal e não formal autêntica em sua teoria e, principalmente, em sua prática.

A escolha em trabalhar especificamente com mulheres artesãs do campo, ou seja, com as camponesas, dar-se pelo fato de que os trabalhos das mesmas são menos valorizados do que os dos homens, mesmo que seja o mesmo trabalho, nunca tem o mesmo valor para a sociedade. Fato que pode ser esclarecido a luz dos estudos de gênero.

3.2 O Artesanato como Fonte de Renda

Até o momento falei sobre o artesanato e suas possibilidades na vida da mulher artesã de modo geral. No entanto, vale trazer dados e estatísticas que comprovem como a comercialização do artesanato movimentava o mercado financeiro.

Em setembro de 2017 foi exposto na feira, *IFTM Top RESA*, em Paris, na França, 43 peças de 20 artesãos brasileiros, que retratavam a diversidade do artesanato brasileiro, com peças de capim dourado, jatobá, palha, dentre outras. A iniciativa foi do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) em parceria com a Embratur. Observe a importância e valorização do artesanato brasileiro, ganhando destaque internacionalmente (Brasil, 2017).

Nesse sentido, como forma de incentivo ao artesanato brasileiro, a MDIC desenvolve o *Programa de Artesanato Brasileiro- PAB*, um programa totalmente aberto ao artesão, disposto a apoiá-lo nas suas atividades e em contrapartida receber retorno do andamento de seu trabalho. Esse programa tem por finalidade possibilitar:

A consolidação do artesanato brasileiro enquanto setor econômico de forte impacto no desenvolvimento das comunidades, a partir da consideração de que a atividade é disseminada em todo território nacional, possuindo variações e características peculiares conforme o ambiente e a cultura regional. A riqueza decorrente dessa diversidade é fundamental, mas não garante a competitividade do produto artesanal no mercado. Por isso, o PAB tem como foco de ação a preparação dos artesãos e das organizações representativas do setor para o mercado competitivo, promovendo a profissionalização e a comercialização dos produtos artesanais. (BRASIL, 2013).

Desse modo, o PAB é um apoio da iniciativa pública à atividade econômica artesã auxiliando no desenvolvimento e exposição da produção. Relembro o dito anteriormente, basta apenas conhecer as possibilidades e buscá-las.

De acordo com o SEBRAE (2016), em atividade numa comunidade de pescadores São Pedro no Rio Grande do Sul, ao estruturar a atividade das artesãs, as suas rendas passaram, de R\$ 4 mil por ano para R\$ 12 mil reais, pois com o apoio necessário, elas que “apresentavam dificuldades de precificar seus produtos. Tinham certo receio de pedirem o justo preço. Hoje, sabem com presteza estimar o valor merecido e compará-lo com o de mercado, pois entendem a relevância do trabalho manual e da originalidade do que fazem”

(SEBRAE, 2016, p. 136). Essas mulheres triplicaram sua renda e certamente a sua qualidade de vida também evoluiu junto.

De acordo com matéria publicada no site oficial do Governo em 2017, a atividade artesã no Brasil movimentava cerca de R\$ 50 bilhões por ano, isso apenas o que se tem controle, o que é mensurado com o PAB, as vendas das artesãs do P.A. Curitiba certamente não estão inclusas nesses dados, dentre outras comunidades.

Assim, reforço o que falta para as artesãs de Amarante é o devido incentivo e conhecimento para buscar as políticas públicas adequadas para transformar sua atividade em fonte de renda, de modo estruturado e sólido.

4 TRAJETOS ENTRE LINHAS CAMPONESAS

Para esta pesquisa elaborei e realizei um roteiro de conhecimento, através de entrevistas e análise de dados, com a construção do roteiro a ser aplicado com as artesãs do P.A. Curitiba sobre os objetos artesanais produzidos por elas, que estruturou a produção do documento oral em uma visita domiciliar às artesãs. Todas assinaram um termo de cessão de direitos sobre a entrevista, autorizando, também, o uso da imagem e sua identidade.

De acordo com Prodanov e Freitas (2010, p. 42), a pesquisa pode ser compreendida “tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento”. Independente do questionamento, as dúvidas apenas poderão ser respondidas a partir da pesquisa e isso não quer dizer que tenha que ser algo grandioso, poder algo tão simples como a curiosidade por saber nome de uma pessoa. A pesquisa sempre irá produzir um determinado tipo de conhecimento.

Isso significa que para conhecer como se dá o processo de produção de artesanato no Assentamento Curitiba foi considerado as pessoas, o local e arredores, como eles vivem, a forma de falar local, a economia, os costumes, as possibilidades de valorização financeira de seus artesanatos e até mesmo o nível de instrução, mesmo que de forma indireta, todos esses fatores foram explorados.

Os relatos orais são algo que os professores devem explorar cada vez mais em sua caminhada, pois fazem parte da nossa cultura, muitos costumes ainda são passados assim para nossos filhos, netos, bisnetos etc. No caso desta pesquisa, os relatos orais foram de suma importância na construção da base de dados, pois o que as artesãs contaram tem tanto valor quanto o observado e a sua arte em si, é dotado de emoção e cheio de significados.

Foram entrevistadas três mulheres lavradoras e artesãs do assentamento Curitiba, município de Amarante –Maranhão. Ressalto que todos os dados aqui expostos foram colhidos de acordo com o relato das próprias artesãs durante as entrevistas. Para preservar a sua privacidade, as denomino de Artesã 1, Artesã 2 e Artesã 3.

Como já citado anteriormente, o assentamento Curitiba, possui 78 (setenta e oito) famílias, entre assentados e encostados. As famílias assentadas são as que são cadastradas e possui um lote, ou seja, tem um pedaço de terra para trabalhar, assegurado pelo o Incra. O Incra é um órgão do governo, que compra fazendas improdutivas, e distribui para a família que necessita de terras para trabalhar, depois que as famílias estão dentro da terra, formam uma associação. Tal associação é composta por doze pessoas: presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretário, primeiro e segundo tesoureiro, primeiro segundo e terceiro

fiscal, primeiro segundo e terceiro suplente. Todas as verbas que vem do governo em nome da associação e destinado para as famílias assentadas. As famílias chamadas de “encostadas” não possuem terras no assentamento, moram e trabalham nas terras de alguém que tenha posse, portanto não tem direitos aos benefícios/oportunidades/incentivos que o governo oferta aos assentados, mas permanecem nas terras aguardando uma oportunidade.

As artesãs entrevistadas são assentadas, ou seja, possuem a posse das terras que moram e trabalham. Entretanto, na produção do artesanato, o fato de ser assentada ou encostada não difere no resultado e venda, mesmo que fosse criada uma cooperativa, nesse caso a verba seria ao projeto artesão e não ao assentado, o foco seria diferente e, portanto, esse fato independeria.

Com relação às artesãs entrevistadas, a Artesã 1 nasceu no dia 29 de junho de 1961, em Amarante do Maranhão, 56 anos, é casada, mãe de oito filhos, todos maiores de idade, e cursou até a quarta série do ensino fundamental. A Artesã 2 é nascida em 23 de julho de 1980, em Amarante do Maranhão, tem 37 anos, é casada, mãe de dois filhos e cursou até a oitava série do ensino fundamental. Por fim, a Artesã 3 nasceu no dia 21 de novembro de 1993, em Amarante do Maranhão, casada, mãe de uma filha e cursou oitava série do ensino fundamental.

Todos os momentos foram registrados em caderno de campo com as minhas impressões de todas as entrevistas coletadas com cada uma das mulheres artesãs e, posteriormente realizei a transcrição dos depoimentos obtidos.

4.1 As Artesãs do P.A. Curitiba

Durante as entrevistas foi possível observar e conhecer um pouco da vida das Artesãs 1, 2 e 3, tanto em relação a comunidade em si, como do trabalho realizado por estas.

Aos 12 dias do mês de outubro de 2017, fiz minha primeira entrevista e observação no local de pesquisa. A entrevista com a Artesã 1 durou cerca de dezessete minutos e cinquenta e seis segundos. Ela expõe que começou seus trabalhos como artesã ainda criança, sendo motivada pela a curiosidade, fazendo roupas para bonecas. Com a prática aprendeu a fazer roupas masculinas e femininas. Posteriormente desenvolveu a habilidade de confeccionar vários tipos de artesanato, dentre eles a tapeçaria e a confecção de tarrafas, mais ressalta que sua paixão é a costura. Porém, a costura não é uma atividade tão lucrativa na comunidade e o que mais lhe rende dinheiro é a confecção das tarrafas, o que possibilita ajudar financeiramente seu esposo com as despesas de casa.

Durante a entrevista com Artesã 1, notei que apesar do nervosismo, em alguns momentos ela se emocionava ao falar de seu trabalho com artesanato, ela dizia que o

artesanato é tudo em sua vida, pois foi com esse trabalho que ela colaborou com a renda de seu esposo a criar seus filhos e ainda hoje ela contribui nas despesas da casa. Essa é a única fonte de renda segura que ela tem, além disso, também diz que serve de terapia, pois quando está fazendo seu trabalho de artesanato até esquece os problemas.

É bastante comovente e interessante observar como é a vivência da comunidade, embora faça parte desta, esse é um outro modo de ver as pessoas e o local, perceber mais claramente sobre as dificuldades enfrentadas diariamente, como fazem para sobreviver e conseguir criar os filhos e mesmo assim poder ver nos olhos das pessoas o brilho e a alegria com que falam dos seus trabalhos e do orgulho que sentem em mostrar cada peça que fizeram, em relatar como fazem para conseguir os materiais necessários e em como dedicam suas vidas para aquela atividade. Isso me emociona e deixa cada vez mais convicta que escolhi o caminho certo a trilhar. A seguir coloco uma imagem do trabalho da artesã:

Figura 1- Tarrafa da Artesã



Fonte: Acervo da autora

Além das tarrafas, que é sua principal fonte de renda, também faz tapetes, bonecas, boleira entre outros, como podemos ver na figura a seguir:

O meu terceiro e último dia de observação aconteceu no dia 24 de outubro de 2017, com a entrevista da Artesã 3, de 24 anos de idade, casada e mãe de uma filha. A entrevistada relata que seu interesse pelo artesanato surgiu a partir do momento em que viu outras pessoas fazerem tapetes, ela já tinha 18 anos quando começou o seu trabalho com artesanato. Desde de então, passou a fazer tapetes, sendo esta uma das únicas fontes de renda da sua família, além do bolsa família e da aposentadoria, visto que ela é aposentada por problemas de saúde.

Apesar da pouca idade, a Artesã 3 sofre de uma doença crônica, artrite e artrose, por isso se encontra aposentada, e depois da doença perdeu quase todo movimento das mãos. Ela vê no artesanato, além de uma fonte de renda extra, uma terapia e estimula os movimentos das mãos e ainda faz ela se sentir útil. No decorrer da entrevista foi possível verificar a emoção da entrevistada ao falar que já não podia mais fazer seu trabalho como antes.

Figura 4 Artesanato da Artesã



Fonte: Acervo da autora

4.1.1. As faces da pobreza

As entrevistas foram com mulheres de diferentes faixas etárias de idade. O que foi bem interessante, pois percebi que independentemente da idade das mulheres da comunidade pesquisa, sua principal atividade é o artesanato. Outro ponto comum entre elas é a alegria em que elas falam dos seus trabalhos e a dedicação, bem como o uso da atividade como forma de ajudar na renda familiar.

Durante as entrevistas com as artesãs percebi que elas têm os mesmos objetivos com a prática do artesanato, a geração de renda e a busca pela sensação de bem-estar proporcionado pela atividade. Outro ponto interessante que foi possível e inevitável verificar é a pobreza em que as famílias vivem, talvez agravada pela falta de incentivo por parte do poder público na comunidade. Outra questão que destaco é o grande potencial de mercado que os trabalhos desenvolvidos na comunidade podem ter desde que sejam dados os devidos incentivos, desde cursos voltados para aperfeiçoamentos das habilidades, até atividades ligadas ao empreendedorismo.

Sendo assim, julgo que é oportuno destacar que a pobreza não deve ser vista apenas como baixo de nível de renda. Para melhor compreendemos amplitude deste problema social, Amartya Sen (2010) explica que, pobreza é a privação da capacidade básica de cada indivíduo em sociedade, a autora defende essa tese com três argumentos cruciais:

- 1) A pobreza pode sensatamente ser identificada em termos de privação de capacidades; a abordagem concentra-se em privações que são intrinsecamente importantes (em contraste com a renda baixa, que é importante apenas instrumentalmente).
- 2) existem outras influências sobre a privação de capacidades e, portanto, sobre a pobreza real- além do baixo nível de renda (a renda não é o único instrumento de geração de capacidades).
- 3) A relação instrumental entre baixa renda e baixa capacidade é variável entre comunidades e até mesmo entre famílias e indivíduos (o impacto da renda sobre as capacidades é contingente e condicional) (SEN, 2010, p.120).

Levando em consideração a pobreza como privação de capacidade, é possível afirmar, que essa privação de capacidade que está relacionada com o fato da família, do indivíduo ou até mesmo da comunidade ter baixa fonte de renda, entretanto essa capacidade não pode ser analisada unilateralmente, tendo em vista que outros fatores contribuem para esse fenômeno social, como, por exemplo as políticas públicas de combate à pobreza.

Com base no conceito de Amartya Sen (2010), a comunidade de Curitiba no município de Amarante – MA, tem uma capacidade limitada, faltando incentivos para seu desenvolvimento, como, por exemplo, a renda de sua população. Observei que há um grande potencial do trabalho artesanal desenvolvido pelas as mulheres, entretanto ainda falta políticas

voltadas para o incentivo desse potencial da comunidade. Essa ausência de políticas públicas diminui a capacidade dos moradores e conseqüentemente contribui para a identificação do assentamento Curitiba como pobre, pois a pobreza e a baixa capacidade estão vinculadas e devem ser analisadas em conjunto.

O Brasil nas últimas décadas vem evoluindo no cenário tecnológico e transformando a economia, tendo reflexo diretos nas formas de trabalho e no modelo de vida dos brasileiros. Assim um mercado que vem ganhado força e potencial competitivo no mercado de trabalho é o artesanato, peças confeccionados a mão, exigindo trabalhos minuciosos e delicados. Sendo nesse caso, o dever de o Estado proporcionar os artesões, por exemplo, condições estruturais de competitividade em escala global por meios de políticas públicas que venha a favorecer o mercado artesã, no caso da comunidade de Curitiba, poderiam ser criadas cooperativas, a fim de aumentar a capacidade de produção e melhorando a forma de venda dos trabalhos e agregando mais valor econômico em cada peça.

4.1.2 As potencialidades do trabalho artesanal

Para melhor analisar o impacto do artesanato na comunidade de Curitiba, tanto em relação a economia local, como na rotina das famílias, foram feitas algumas perguntas para três artesãs. Vale ressaltar que as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas respeitando as expressões de cada entrevistada.

Para iniciamos a conversa foi perguntado como e/ou quando surgiu o interesse pelo o artesanato, e obtive as seguintes respostas:

Artesã 1: Eu iniciei brincando com boneca, aí aprendi a fazer roupa, faço roupa masculina, feminina, peças íntimas, aí começou o meu custo de vida, mais primeiramente o meu ganha pão era fazer tarrafa, fazia tarrafa para vender, aí era o meu ganha pão, aí passou pra maquina, hoje faço quase todo tipo de artesanato.

Artesã 2: Porque eu via minhas amigas fazer e eu queria fazer também.

Artesã 3: Há, eu via algumas pessoas fazendo, aí e me interessei a querer aprender também.

A partir da análise das falas das artesãs, observo que duas das três entrevistadas desenvolveram o interesse pelo o artesanato ao ver os trabalhos de terceiros e ter o intuito de buscar aprender. A Artesã 1 começou seus trabalhos com uma brincadeira de criança, fazendo as roupas para suas bonecas e hoje é uma profissão, uma fonte renda para toda a sua família. Desse modo destaco que o contato com determinada atividade é fundamental para que se desperte o interesse ou comprove a falta de vocação para aquilo.

Com base nessas informações, concluo que o artesanato no Assentamento Curitiba é uma atividade típicas das mulheres camponesas que ali residem, sendo passado de geração para geração, fato este que pode ser comprovado ao observamos as idades das entrevistadas, que varia de 24 anos até 56 anos, ou seja, tanto os jovens quanto os idosos desenvolve a mesma atividade. Mas com a finalidade de comprovar essa afirmação as indaguei com quantos anos elas começaram os trabalhos como artesãs, sendo respondido que:

Artesã 1: Com uns 50 (cinquenta), anos, mas hoje tenho 56 (cinquenta e seis).

Artesã 2: Com 14 (quatorze) ano.

Artesã 3: Com 18 anos.

O interessante é que o trabalho com o artesanato não tem idade para acontecer, não é tabelado que com tal idade você tenha ou não que saber fazer e nunca é tarde para começar, a exemplo disso temos a Artesã 1 que começou com seus 50 anos.

Como relação a transmissão do saber artesanal acumulado, questionei se essas mulheres já ensinaram essa arte para alguém e as respostas foram:

Artesã 1: Ainda não, vou começa a ensina agora.

Artesã 2: Sim, minha filha, e algumas amigas.

Artesã 3: Sim. Minhas duas irmãs... E algumas vizinhas minhas que vem aqui em casa e pede para me ensinar e eu ensino.

Talvez a Artesã 1 que começou mais tarde ainda não tenha percebido como seria vantajoso ensinar outra pessoa e como isso seria uma continuação cultural. Para observar se o aprendizado ocorria entre os membros de família, se os filhos das artesãs também tinham interesse no ofício, assim fiz esse questionamento e obtive as seguintes afirmações:

Artesã 1: Sim, dois, o Greicimar e o Batista.

Artesã 2: Sim, minha filha.

Artesã 3: Não. Ainda não.

O artesanato que vem sendo transmitido de geração para geração na comunidade, possuindo valor histórico, sociocultural e econômico, apresentando uma relevante importância na qualidade de vida dos moradores da região. Embora a Artesã 3 não tenha ensinado o ofício aos seus filhos e esposo, ensinou suas irmãs a fazer artesanato.

Um dos objetivos desse trabalho é identificar como ocorre a atividade artesanal e como elas potencializam sua arte como potencial econômico. Para responder essa indagação, inclui uma pergunta sobre a renda familiar de cada uma das entrevistadas e de onde vem, qual a atividade responsável em gerar tal renda:

Artesã 1: Não há renda de minha família, eles trabalham de roça a renda e só mesmo da roça e de algum artesanato que vendo, tapete.

Artesã 2: De R\$ 250 a R\$ 300 por mês.

Artesã 3: Em média R\$ 500 por mês, vem da roça, do bolsa família e do artesanato que eu faço.

A partir da informação sobre suas rendas familiares, julguei necessário saber qual a profissão delas, entender o que elas tinham adotado como profissão. Para as Artesãs 1 e 3 perguntei exatamente “qual a sua profissão” obtendo as seguintes respostas:

Artesã 1: Minha profissão é mexer com artesanato é costura, faz tarrafa, mais, mesmo mais é mexer com artesanato, fizer tapete, bordado, faço ponto cruz, vaginite, oiti, faço muito tapete.

Artesã 3: Lavradora.

Para a Artesã 2 perguntei se ela considera o artesanato como uma profissão e se tivesse outras profissões qual delas era sua preferida? Porque? Ela respondeu:

Artesã 2: Sim, por que muita gente vive disso.

Artesanato, por que é bonito e eu gosto muito de fazer...

Ainda questionando o que significa o trabalho com o artesanato na vida delas, responderam:

Artesã 1: É pra mim... Eu acho... por aquilo ali enquanto eu to trabalhando... eu to bem tranquila. Num me agito. Fico bem. É pra mim é bom demais.

Artesã 2: Eu me sinto muito bem, porque se eu tiver preocupada com alguma coisa minha distraio fazendo artesanato.

Artesã 3: Ao artesanato para mim é muito importante é de onde eu tiro uma rendinha por mês e eu gosto muito de fazer.

A atividade desenvolvida na comunidade em estudo é fundamental para dar mais significado para a vida de quem faz esse lindo trabalho.

Em 2011 foi criado o projeto Brasil Original com a finalidade de valorizar um trabalho visto com pouco potencial no mercado, remetida a uma atividade meramente para a subsistência de pequenas e pacatas comunidade SEBRAE (2016), infelizmente esse projeto ainda não faz parte da vida dos artesões do assentamento Curitiba.

Deste modo o SEBRAE (2016, p.50) busca adotar mecanismos que visam valorizar os trabalhos dos artesões, pois “possui um viés diverso daquele que permeia o senso comum. enxergamos o artesanato como negócio, com produtos que despertam desejos de consumo e que podem ser inseridos na cadeia de valor dos decorativos e utilitários de qualidade”.

Entretanto, na comunidade do Assentamento Curitiba, ainda falta esse incentivo e visão de mercado, pois as peças são confeccionadas de forma individual, o que reduz o

potencial de produção em grande escala, as artesãs não possuem um espaço direcionado para trabalharem, tão pouco local de exposição de suas peças, essas foram informações obtidas partir das observações feita na comunidade, mas para melhor verificar cada um desses fatos, fiz as seguintes indagações:

Entrevistadora: Vocês trabalham sozinhas ou com outras artesãs?

Artesã 1: Sozinha.

Artesã 2: Sozinha.

Artesã 3: Sozinha.

Entrevistadora: Vocês participam de eventos para expor seus trabalhos, frequentam feiras?

Artesã 1: Não, só em casa mesmo.

Artesã 2: Não.

Artesã 3: Não. Nunca participei.

Entrevistadora: Onde e como são comercializadas as peças produzidas por vocês?

Artesã 1: Em minha casa.

Artesã 2: Eu vendo nas casas mesmo, na rua mesmo.

Artesã 3: Eu vendo em casa... e saio para vender na rua.

A comunidade, ainda é carente de ações que visem capacitações para melhorar e aumentar a produção artesanal, faltando orientações de gestão de negócio e incentivo para expandir a exposição das peças em outras comunidades, como por exemplo nas feiras. Acredito que uma alternativa interessante seria o projeto *Brasil Original*, tendo em vista der um programa de abrangência nacional, e tem por finalidade, “ações de consultoria e capacitação que visam melhorar tanto a gestão do negócio quanto o produto artesanal com foco constante na produção e no mercado principais pilares para a sustentabilidade dos pequenos negócios” (SEBRAE, 2016. p.50-51).

Além disso, essas mulheres não sabem organizar o seu tempo, material e negócio a fim de obter mais lucro ou otimizar seu tempo, não tiram uma determinada hora do dia para trabalhar, não fazem registro do que foi produzido e nem sabem o que de lucro tem durante o mês. Essas questões podem ser observadas quando realizei os seguintes questionamentos:

Entrevistadora: Em quais dias você faz artesanato? Que horário ou períodos do dia você dedica para fazer artesanato?

Artesã 1: Não tem dia marcado é qualquer dia.
De manhã e de tardinha.

Artesã 2: Todo dia.

A tarde, porque é o horário que eu estou mais vaga de serviço.

Artesã 3: Praticamente todos os dias.

Eu gosto da tarde e da noite que o horário que eu estou mais disponível.

Entrevistadora: Há uma técnica específica para fazer artesanato?

Artesã 1: Não.

Artesã 2: Não... eu tenho vários jeitos de fazer.

Artesã 3: Não, eu vario de modelo.

Entrevistadora: E os preços, são fixos ou variam de acordo com a cliente?

Artesã 1: São variados...

Artesã 2: Varia, não tem assim um preço fixo não, varia.

Artesã 3: Ah, às vezes varia de preço.

Ao serem questionadas com relação a quantas peças cada uma delas consegue produzir por mês e quais os valores atribuídos a cada peça, obtive as seguintes respostas:

Artesã 1: Vai do modelo do tapete, as vezes faço só um ou dois só... Não faço mais.

A costura eu já tenho feito até de 32 e poucas peças por dia. [...] O tapete grande vendo de R\$ 150,00, tem de R\$ 80,00... de R\$ 10,00 arriba...até R\$ 150,00.

Artesã 2: 10 peças por mês. [...] Eu faço a calcinha de R\$ 30...Tapete de R\$ 30... Faço um vestido de R\$60

Artesã 3: Os tapetes varanda de rede que com a minha linha eu faço por R\$150. Mas se a pessoa der a linha eu faço por R\$ 100.

É importante salientar que as artesãs não dispõem de planejamento para realizar a atividade artesã e esse é um erro significativo, pois assim não tem o controle do que produzem ou vendem ou do quanto gastam com materiais. De acordo com Santos (210, p. 7) “o planejamento ajuda a sintonizar as expectativas do empresário com o que será possível obter de fato”. Ainda de acordo com a autora “o planejamento inicia o processo administrativo. É um processo que inclui a definição dos objetivos organizacionais e a seleção das políticas, procedimentos e métodos desenhados para o alcance desses objetivos” (2010, p 13). É claro mesmo de modo informal, a atividade de venda deve ser estruturada, elas são de alguma forma empresárias, tocam um negócio. Ter o controle, organizar a atividade possibilitará com que elas possam tomar decisões assertivas. Falta a elas o controle e a noção de como fazer e como explorar, por exemplo as técnicas utilizadas para a produção ou fazer peças por encomenda e ainda usar outros materiais para a confecção.

Questionei a Artesã 3 sobre as suas matérias-primas e o que ela produzia e me respondeu que usava apenas linha e que a comprava, ou seja, o seu trabalho é restrito apenas à

linha. Já a Artesã 1 me respondeu que usa barbante, linha, palha, que depende do trabalho. A Artesã 2 respondeu que também compra os materiais e produz “crochê, tapete, jacá, cofo e roupas”.

Para finalizar essa parte do depoimento, perguntei se elas produziam por encomenda ou não e ambas responderam que fazem as peças e depois procuram alguém que as comprem. Creio que seria, nesse caso, mais interessante que fizessem por encomenda algumas peças, mesmo que não todas, uma vez que não expõem, seria no mínimo uma estratégia e segurança maior, assim poderiam se programar quanto à compra de materiais.

Outro ponto relevante é que essas artesãs conhecem outras pessoas na comunidade que realizam o mesmo trabalho que elas, ou seja, tapetes, redes, cofo, croché, peças de decoração, etc. e até citaram alguns deles. No entanto não tem a percepção de unir os esforços, montar um projeto dedicado à isso.

Inicialmente ao falar do conceito de artesanato, a ideia é de que o artesão é aquele que desenvolve a atividade artesanal, fora defendido também que a idade não influi na qualidade ou beleza das peças (a constar pelas peças dispostas nas imagens aqui apresentadas). Mesmo o foco do trabalho voltado a vislumbrar o artesanato como fonte de renda da mulher camponesa, não descarto a mão de obra masculina, tanto que as próprias artesãs afirmam que há homens que realizam esse trabalho na comunidade e quando questionadas se esse trabalho era de exclusividade das mulheres ou poderia ser realizado por homens, responderam:

Artesã 1: Pelos os dois, homens e mulheres.

Artesã 2: Pode fazer os dois, tanto o homem, quanto mulher.

Artesã 3: Ah eu acredito que pode ser feito por homens e mulheres.

É fundamental não esquecer que o artesanato é parte integrante da cultura. Para saber refletir sobre o assunto, retomo o conceito de cultura, que pode ser definida como “um conjunto de características distintas espirituais, materiais, intelectuais e afetivas que caracterizam uma sociedade ou um grupo social. Contemplando além das artes das letras, os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (UNESCO, 2009, p.01). Assim, o artesanato na comunidade faz parte da cultura de seus membros. Nesse sentido, perguntei se as artesãs consideram que os seus trabalhos fazem parte da cultura e elas responderam que:

Artesã 1: há porque há muito tempo... faz muito tempo que as pessoas fazem.

Artesã 2: sim, porque vem de outros povos.

Artesã 3: Ah porque há muito tempo... faz muito tempo que as pessoas fazem.

Embora se trate de pessoas humildes, de um ponto de vista do conhecimento empírico, elas compreendem o conceito de cultura e consideram que a atividade que desempenham, além de contribuir para a renda familiar, é parte da cultura, é uma arte. Mais o que seria arte para essas artesãs? Elas responderam:

Artesã 1: Para mim é interesse. Se interessa para aprender as artes. As coisas, eu pra mim que seja isso. Vai do interesse da pessoa.

Artesã 2: Para mim arte é tudo.

Artesã 3: Arte para mim é muito importante.

Assim, perguntei se elas consideravam os seus trabalhos umas obras de arte. Obtive as seguintes afirmações:

Artesã 1: Eu considero

Artesã 2: Sim. É porque a gente tem que pensar para fazer, aí tudo, que a gente faz é arte.

Artesã 3: sim.

Posteriormente, questionei como elas veem que seu trabalho é visto pela comunidade.

Artesã 1: Por esporte.

Artesã 2: Acha muito bonito, gostam muito.

Artesã 3: Ah é visto como uma profissão.

Vejamos que as entrevistadas não conseguiram definir o que seria arte, quando questionadas, fugiram da resposta, embora considerem seus trabalhos como uma arte. Nesse seguimento Ferraz e Fusari (2010, p.101) dizem que:

A arte é uma das mais inquietantes e eloquentes produções do homem. Arte como técnica, lazer, derivativo existencial, processo intuitivo, genialidade, comunicação, expressão, são variantes do conhecimento arte que fazem parte de nosso universo conceitual, estreitamente ligado ao sentimento de humanidade.

Com base na fala dos autores, de fato os trabalhos artesanais feitos na comunidade do assentamento Curitiba são uma manifestação artística. Não posso deixar de destacar a falta de políticas públicas na comunidade e que sua viabilização poderia aumentar a capacidade dos moradores, podendo expandir e crescer no mercado, além de melhorar a qualidade de vida.

Durante as entrevistas com as artesãs, percebi que as três mulheres artesãs trabalhavam mais com a produção de tapetes, com exceção da Artesã 1, que além dos tapetes diz também gosta muito de tecer tarrafas, pois afirma que sua renda com as tarrafas é melhor.

Ela comenta que um conjunto de tapetes com 5 peças custa em torno de 150 reais e uma só tarrafa custa 200 reais.

Talvez essa seja uma falsa ideia de lucratividade. Ora, essas mulheres produzem e vendem apenas na comunidade, local em que outras pessoas também produzem, de certa forma, se torna saturada a venda. Falta para elas a qualificação necessária para atribuir valor cultural e numérico às peças, compreender que seu artesanato é dotado de significado e deve ser reconhecido. Uma das artesãs representa isso, como exposto abaixo.

Entrevistadora: Suas peças são produzidas para decoração?

Artesã 1: Nem todas... umas sim...outra não.

Entrevistadora: Por quê?

Artesã 1: Por que tem delas que não tem como decorar né... e outras tem.

É difícil para elas entenderem que uma tarrafa por exemplo possa ser uma peça decorativa, justamente porque a finalidade dela dentro da comunidade não é essa, mas em outro ambiente, fora dali essa peça poderá sim se tornar uma peça exclusivamente de decoração.

O artesanato é algo lindíssimo, transborda de alegria e vivacidade. Com essas três artesãs não é diferente, elas constroem peças belas e cheias de cores. Elas usam diversas cores em seus trabalhos e acreditam que isso chame mais atenção das pessoas, conforme se pode observar em seus relatos. Pergunto a elas como é feita essa escolha das cores para as peças e obtenho as seguintes respostas:

Artesã 1: Eu escolho... eu vou e escolho as que é mais bonito...as que eu me agrado.

Artesã 2: Quando é contratado é o que a pessoa pede, mas quando é por minha conta é eu que escolho as cores.

Artesã 3: Ah eu procuro aquelas que combina com as outras porque nem sempre a gente faz só de uma cor aí eu procuro aquelas que mais combinam.

Aproveito e pergunto quais cores elas mais usam e por quais motivos:

Artesã 1: É o rosa...amarelo, vermelho, branco, preto é as cor que eu mais gosto.

Artesã 2: Vermelho e branco.

Artesã 3: Vermelho, branco, preto e Amarelo.

As cores sempre foram muito importantes em nossas sociedades, desde as primeiras civilizações, elas indicam sentimentos e emoções, isso varia de cultura para cultura, podem sinalizar a riqueza de uma nação, paz, luto, guerra e outros simbolismos (COSTA, 2015). Conhecer as cores e trabalhar cada peça com a cor certa é muito importante. Por exemplo,

difícilmente alguém iria querer comprar uma toalha de mesa rendada na cor preta, por ela trazer um sentimento de penumbra. É claro que alguém pode querer, mas será uma questão de gosto pessoal.

Ana Mae Barbosa (2002, p.4) em seus estudos expõe que a “arte não é enfeite, arte é cognição, é uma profissão e é uma forma diferente da palavra interpretar o mundo, a realidade o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano”. Avalio que tudo o que a autora destaca acima é relatado pelas artesãs na entrevista, cada uma a seu modo. Elas têm o artesanato como profissão, consideram-se artistas e o são, inventam peças as vezes e se inspiram em suas vivências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que na vida das mulheres camponesas o artesanato é visto como uma atividade de lazer e de desenvolvimento econômico, visto que, com a confecção e a comercialização de um determinado trabalho artesanal é possível que as mesmas contribuam com o aumento de renda de suas famílias, sendo as horas vagas o momento destinado a produção de suas obras. Com relação a interpretação e utilização das obras feitas por essas mulheres, acredito que são valorizados não só os atributos estéticos das peças, mas também, a possível utilidade desse objeto no dia a dia da comunidade.

As mulheres camponesas do Assentamento cuidam da casa, dos filhos, e ainda ajudam seus esposos no trabalho da roça, de sol a sol, desde o roçado até a colheita dos legumes, exercendo, assim como também acontece com parte das mulheres residentes em áreas urbanas, uma jornada tripla e extremamente desgastante.

O presente trabalho é resultado da pesquisa qualitativa realizada com artesãs do assentamento Curitiba, localizado em Amarante-MA. A mesma expôs e discutiu sobre a forma de produção do artesanato das mulheres camponesas, alicerçado ainda na pesquisa bibliográfica, com o intuito de mostrar que o artesanato, com todas as suas vertentes e possibilidades, pode ser usado como ferramenta, não apenas de disseminação da cultura local, mas também como fonte de renda familiar, desde que seja trabalhado corretamente.

As entrevistas foram realizadas com artesãs do assentamento, de forma individual, em suas casas, que é o local de produção e armazenamento de seu trabalho. Foi possível observar a beleza das peças, o cuidado e precisão com que são feitas, a riqueza de detalhes e o potencial de revenda, digo isso porque compraria as peças. Com as respostas das artesãs, e com a observação realizada, ficou claro que elas não conseguem manter a casa apenas com as peças que fabricam.

O trabalho levantou algumas questões em torno do que é o artesanato, quem são as artesãs, como funciona esse comércio, o que é o trabalho informal, como o artesanato pode ser trabalhado como fonte de renda, qual o papel da mulher na renda familiar camponesa, como o artesanato no P.A Curitiba é desenvolvida e comercializada e qual o sentimento das artesãs em relação ao seu trabalho.

Desse modo, foi possível identificar o desejo delas em expor as suas peças para revenda, elas mesmas afirmaram ao serem questionadas sobre. No entanto, isso não ocorre no assentamento, tão pouco na cidade de Amarante. Não há uma feira de artesanato. Não há

incentivo por parte da gestão local. Apenas a disposição (necessidade) de cada uma delas em produzir e sair de porta em porta oferecendo suas peças. Creio que com apoio e o incentivo certo essas mulheres conseguiriam se desenvolver, sabemos que o governo tem o fundo de incentivo, promoção cursos de empreendedorismo, mas não estão chegando até essa comunidade. A criação de uma cooperativa seria válida, pois acolheria as artesãs e incentivaria outras a iniciarem a atividade, além da possibilidade de expandir a atividade para outros locais, levar o seu artesanato para feiras que ocorrem em outras cidades e não apenas na comunidade, onde o potencial de revenda não é tão grande. Seria ainda possível aumentar a capacidade de produção das peças.

Contudo, este trabalho propôs o debate sobre as possibilidades de produção e venda dos objetos artesanais produzidos pelas artesãs do Assentamento Curitiba e, com base em todos os elementos encontrados, comprovei a hipótese de que o artesanato ocorre naquela região, que as peças são dotadas de valor e beleza, que as mulheres camponesas artesãs locais que tem o desejo de expor e vender as suas peças em outras localidades, mas que não há um incentivo e estrutura para tal, no entanto, se alguém tomar a frente e se dispor a buscar os caminhos, tem tudo para crescer e ser o cartão postal.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BOAL, Augusto. **A estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamound, 2009.

BONI, Valdete. Movimento de Mulheres Camponesas: Um Movimento Camponês e Feminista. **Revista Grifos**, Santa Catarina, v. 35, n. 34, p.67-88, fev. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRASIL. **MDIC e Embratur levam artesanato brasileiro para o mercado internacional**. 2017. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/noticias/2766-mdic-e-embratur-levam-artesanato-brasileiro-para-o-mercado-internacional>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

BRASIL. **Programa do Artesanato Brasileiro**. 2013. Disponível em: <<http://www.secretariadegoverno.gov.br/micro-e-pequena-empresa/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

COSTA, Emilene de Cássia Faria. **Cores: Processos e aprendizados de artes visuais**. 2015. 37 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Escola de Belas Artes da Ufmg, Belo Horizonte, 2015.

CUT. **Mapa do trabalho informal no Brasil**. Paulo: Copyright, 2001. Disponível em< http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/mapa_do_trabalho_informal.pdf>. Acesso em ago. de 2017.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na Educação Escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, Neiva Maria Pinto; SOUZA, Walkiria Guedes de. **Design e artesanato: contemporaneidade e tradição**. Fortaleza, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FUX, Maria. **Formação em Dançaterapia**. São Paulo: SUMMUS, 1996

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA-MST. **Construindo um caminho**. 2001.

JAKOBSEN, Kjeld et al. **Mapa do trabalho informal**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Saete. Orgs. **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, 2002.

LEMOS, Maria Edny Silva. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda: subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce.** 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Avaliação de Políticas Públicas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas). Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf> acesso em ago. de 2017.

MIRANDA, Adriana et al. **Artesanato 2012: Paracatu-MG**. Paracatu-mg: Kinross, 2011.

MST. **Construindo o Caminho**. São Paulo, 2001.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POUSADA, Carmen. O Brasil dos artesãos. In: LEAL, Joice J. **Um olhar sobre o design brasileiro**. São Paulo: Objeto Brasil e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Aline dos. **O planejamento inicia o processo administrativo**. É um processo que inclui a definição dos objetivos organizacionais e a seleção das políticas, procedimentos e métodos desenhados para o alcance desses objetivos. 2010. 37 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-graduação em Gestão Empresarial, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Artesanato Brasil**. Brasília- DF: Edições Sebrae, 2016. 185 p.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Márcia Alves da. **Abordagem sobre o trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 247-260, jan.-mar. 2015. Editora UFPR.

TRAMONTE, Júlio Cesar; ANDRADE, Solange. **As histórias do cemitério**. A representação dos visitantes nas histórias contadas no cemitério municipal de Maringá. *Anais do XVIII EAIC*, 2009. Disponível em: <<http://www.eaic.uel.br/artigos/CD/2286.pdf>>.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Mulheres camponesas na região noroeste do Rio Grande do Sul**: Identidades representações sociais. Unisinos. Tese (doutorado). São Leopoldo, 2007.

UNESCO. **United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization**. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>. Acesso em jun. de 2009.